

# ATENÇÃO PSICOLÓGICA EM GESTALT-TERAPIA NO TRABALHO JUNTO A ADOLESCENTES

## Autores

---

Sergio de Oliveira Santos  
Nilton Julio de Farias  
Ana Debora da Silva Dias

## 1. Introdução

---

De onde vim? Onde estou? Para onde vou? Afinal, quem sou eu? São questões que permeiam a existência do ser humano em seu processo de *amadurecimento*. Processo este, através do qual ele passa a elaborar recursos que lhe possibilitarão, ou não, o desenvolvimento de suas potencialidades diante de um crescimento contínuo que poderá culminar em sua *auto-regulação*, em sua *autonomia* frente às suas necessidades particulares que, por sua vez, perante os percalços e peculiaridades do ambiente, do momento histórico, da cultura em que está inserido, serão hierarquizadas e realizadas de forma ajustada e criativa.

Para que tal amadurecimento ocorra é preciso que o ser se mantenha consciente (*aware*) de si próprio e do seu ambiente físico. A complexidade de nossa sociedade ocidental contemporânea traz ao ser humano uma dificuldade impar para se constituir como sujeito. Um dos momentos mais críticos desse seguimento se dá na adolescência.

A adolescência segundo PINTO (2002, p.55) “tem como função facilitar às pessoas o ajustamento criativo e a conquista de uma inserção e de um posicionamento cultural”.

Poderíamos questionar nesse momento: é possível tornar-se consciente de si próprio sozinho, tendo em vista que o ser humano possui constituintes bio-psico-sócio-espirituais? A resposta certamente seria não. Surge assim, a alteridade.

É o outro quem nos possibilita a apreensão da noção de nós mesmo, ele é o caminho para que tenhamos acesso ao outro de nós mesmos, que poderia ser entendido como o inconsciente freudiano ou a camada mais profunda da consciência. O outro nos possibilita o vir-a-ser nós mesmos. (Faria, 1996 p.10)

Faria nos apresenta o surgimento do outro e sua possível presença como elemento constitutivo do mundo ao qual pertencemos e, acima de tudo, como elemento que nos constitui. É justo destacar nesse momento a concepção de homem de Martin Buber (1982) - o "*homem de relações*" - que precisa pronunciar-se e dirigir-se a outro para que possa confirmar sua existência.

Sustentada em suas teorias de base, a Gestalt-Terapia formula que o campo organismo/ambiente constitui uma unidade inseparável, uma totalidade cujo significado emerge das inter e intra-relações entre as partes que formam um todo. Dessa totalidade, figuras emergem em relação a um fundo, e essa relação entre figura e fundo funciona dinamicamente e dá significado aos fenômenos. Uma boa gestalt é clara e a relação figura/fundo reage a padrões mutantes das necessidades imediatas da pessoa. Necessidades não atendidas formam gestalten incompletas, exigindo atenção e interferindo na formação de novas gestalten (Yontef apud ANTONY & RIBEIRO, 2004, p. 129).

Como nos aponta Yontef, a gestalt-Terapia (GT) parte do pressuposto que cada indivíduo é único e apresenta uma organização exclusiva obtida através de suas relações com o meio. É com base nessa estrutura que o sujeito age e conceitua o momento presente em que vive (aqui/agora) em busca da satisfação de suas necessidades. Porém, para que esse processo ocorra de forma saudável, é necessário que essa estrutura seja mutável a fim de que o sujeito possa dar cabo de suas necessidades atuais em acordo com as condições oferecidas pela realidade vivida no momento presente. Caso essa estrutura se cristalize, e haja uma desarmonia entre o sujeito e o ambiente o sujeito adoecerá.

A GT tem como objetivo propiciar condições para que o sujeito reorganize e/ou atualize sua estrutura supra mencionada. Seu trabalho clínico está voltado para o processo de conscientização do sujeito sobre si próprio e sobre suas formas de atuação, objetivando torna-lo cômico de sua responsabilidade sobre suas escolhas.

Uma das formas de se trabalhar esse processo com o sujeito é através do grupo. Em relação a este explana

Ribeiro:

O grupo é um permanente processo de comunicação, compreendida aqui como todas as coisas que nele acontecem: o corpo, as palavras, posturas, um perfume, a roupa. Todas as coisas são canais visíveis de invisíveis relações do indivíduo com a realidade que o cerca. (RIBEIRO, J. P. 1994, p36)

## **2. Objetivos**

---

Diante dos pressupostos da GT, o presente trabalho refere-se a um processo de Atenção Psicológica - um grupo de crescimento -, que teve como escopo possibilitar uma vivência grupal na qual cada adolescente, componente desse grupo, pudesse compreender o significado de sua existência social, física e psicológica, bem como, re-significa-la caso se fizesse necessário.

### **3. Desenvolvimento**

---

Realizado conforme os parâmetros do estágio em Psicologia “clínica” da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP -, o presente trabalho fora desenvolvido no período de agosto de 2005 a julho de 2006, onde dois estagiários realizaram encontros semanais em uma unidade do Programa Saúde da Família (PSF) em um bairro periférico da cidade de Piracicaba, junto a adolescentes com idade entre 12 e 15 anos, moradores deste bairro.

O grupo foi caracterizado como “grupo aberto”, contando com adolescentes que vinham a este conforme sua própria vontade. Nesse grupo, os membros participantes falaram abertamente, discorrendo sobre temas diversos, que se mostravam importantes naqueles momentos.

No decorrer do processo foram utilizados recursos como conversas em particular e coletivamente, músicas, poesias e festas para que através destes, cada adolescente pudesse expressar suas opiniões, sua forma de ver e conceber o mundo e demais aspectos de sua personalidade. Tais conteúdos eram registrados após o término de cada sessão, buscando manter ao máximo a fidedignidade das falas e atuações de cada participante.

A atuação dos estagiários não se restringiu ao uso de técnicas e, sim, deu-se de maneira aberta, franca, disponível, e na medida do possível, despojada de preconceitos, para acolher sem moralismo as necessidades e expressões dos adolescentes e transcender a figura de um mero fornecedor de conhecimentos.

A supervisão do trabalho era feita semanalmente pelo professor responsável pelo estágio.

### **4. Resultados**

---

Para formação do grupo, em agosto de 2005, foram convocados os adolescentes que já participavam do trabalho realizado com outros dois estagiários nos mesmos moldes que se propunha este.

Os principais assuntos discutidos pelos adolescentes foram: educação, família, trabalho, namoro (ficar), violência e sexualidade, com a tônica voltada para os dois últimos.

O recurso mais utilizado como veículo de expressão pelos adolescentes foi a música. Em diversos momentos eles cantaram, refletiram e apreciaram de maneira ímpar o conteúdo das canções que trouxeram para as sessões. O pagode e, principalmente, o Rap foram os estilos de música mais utilizados.

As sessões eram realizadas em média com seis adolescentes. Junto à atuação dos quatro principais freqüentadores do grupo, aqui tidos como *A*, *B*, *C* e *D*, se pode de maneira genérica compreender a dinâmica de funcionamento do grupo. *A* era quem monopolizava as discussões com verborragia e temas renitentes; *C* procurava seduzir o grupo para ser o centro das atenções. Além do mais, sua sedução dirigiu-se para a adolescente *A* e principalmente para a estagiária companheira de campo, chegando a assediá-la levando-a a expor particularidades de sua vida pessoal; *D* movia sua atenção do grupo para objetos externos a este, principalmente no que tange a manipular objetos da unidade. Por outro lado, participava sensatamente do grupo e, muitas vezes sintetizava e dava foco às discussões. *B*, tido como poeta, foi o adolescente que mais trouxe arte ao grupo. Suas participações transcendiam a dura realidade vivida no bairro e trazia sempre estampada no corpo e através de suas poesias a esperança de dias melhores.

Para melhor situar o leitor nos resultados obtidos e na forma como se desenvolveu o trabalho, é bem expressarmos nesse momento, a compreensão obtida na atuação junto a um dos adolescentes.

**Adolescente:** B.

**Idade:** 15 anos

**Número de sessões que participou:** 14 = 03, 05, 07, 08, 13, 17-25 e 28.

**Temas Trazidos:** Imortalizar sua história, respeito à autoridade, família, sonhos e projetos.

O adolescente mora na casa dos avós, dividindo o teto com estes, três irmãos e o tio. É muito ligado à arte faz desenhos das mais variadas formas, compõe poesias e músicas, grafita muros (licitamente) e é cantor de Rap. Cursa o 1º ano do segundo grau, faz aulas de informática, desenho e violão. Noutros momentos participa de uma equipe de tênis de mesa. Deseja cursar Letras, mas seu grande propósito é ser um ótimo jornalista.

Não esperando que seus feitos sejam esquecidos, diz querer ter nove filhos para que estes garantam que seu legado não seja esquecido. Acrescenta que seus filhos serão grandes homens, afinal ele será um.

*B* muito falou sobre o respeito que se deve ter com as autoridades, apresentando a crença de que a autoridade cuida da pessoa por sobre a qual dispõe seu “autoritarismo”. Disso surgiram seus embates com a adolescente *A*, onde este questionava a forma como a adolescente tratava sua mãe. Segundo ele, *A* deveria respeitar incondicionalmente sua mãe, pois ela é autoridade.

O adolescente alega não ter atenção da família, pois esta é direcionada quase que com exclusividade para seus irmãos. Alega ser tratado com descaso por sua avó, que entre outras, só faz pratos diferentes quando ele não está em casa. Diz que se quiser comer em casa deve preparar sua própria comida. Sua queixa central é a de ninguém se importa com ele, nem ao menos perguntam aonde ele vai e quando volta ao sair de casa.

### **Pensamento Diagnóstico:**

Acredita-se que a tônica dos diálogos que *B* apresentou junto ao grupo revela uma figura cristalizada que se dá a conhecer através de sua queixa principal, a falta de atenção por parte da família, que determina sua forma de contato com o outro. Tal figura é mobilizada por um fundo que, de acordo com os dados obtidos, faz referência ao passado vivido pelo adolescente, marcado pelo abandono que o levou a viver dos 3 aos 10 anos de idade em um orfanato. O fundo também é constituído pelos momentos de exclusão e demérito vividos pelo adolescente no contexto familiar, bem como, pelos seus projetos de vida, nos quais ele nunca está sozinho.

O medo de ser novamente abandonado e a ação alicerçada em conteúdos introjetados faz com que *B* atue de forma cristalizada e obsoleta, sempre de forma submissa perante os desígnios de sua avó, comprometendo seu processo de homeostase, dificultando sua relação consigo próprio e com o mundo.

A figura que se destaca nos poemas do adolescente é sempre o cuidado de algo - da amizade, dos rios, do próprio homem etc. Pode-se inferir que através destes, o adolescente faz uso do mecanismo de projeção, a fim de expressar através do pedido de ajuda ao outro o cuidado que propriamente necessita.

### Intervenções:

As ações dos estagiários estiveram voltadas à elucidação dos relatos e situações trazidas pelo adolescente, bem como, averiguar as possíveis relações entre os mesmos, valendo-se destes momentos para firmar o propósito do trabalho.

Alguns pensamentos e crenças de *B* foram repensados com ele. No tocante ao desejo de perpetuação de seus feitos trabalhou-se a convicção de que não é preciso ter muitos filhos para que tal fato ocorra e, conseqüentemente, que ter muitos filhos não é garantia de que seu desejo se realize. Trabalhou-se também a convicção de que só ser um grande homem não garante que seus filhos também o serão.

A crença de que o autoritarismo por parte da autoridade é uma forma de cuidado, começou a vir por terra quando *B* apercebeu-se da forma com que sua avó o tratava. O adolescente desenvolveu uma awareness a respeito do hiato que havia entre sua crença e as atitudes de sua avó. Por outro lado, pôde perceber através de um episódio, em que revela ter ido consumir bebida alcoólica com seu tio em um bar (atitude abominada por seus avós que são evangélicos), aspectos desrespeitosos de sua conduta frente à autoridade. Viu-se então, *B* entrando em contato com aspectos seus que lhe estavam ocultos (integração de polaridades).

No tocante a relação do adolescente com sua família, as ações ocuparam-se de questionar junto a ele a composição e as atividades dos membros de sua família e como estes fatores poderiam influenciar na

negligência de atenção sofrida por ele. Tal intervenção possibilitou a *B* ampliar sua compreensão sobre sua família e, buscar junto à sua mãe, que não mora com ele, novas formas de atenção carinho. Com isso, após algumas semanas o adolescente relatou que sua avó estava com ciúmes dele, que achava que ele estava ficando muito mais com sua mãe do que com ela. Esse foi um contraponto para que ele pudesse rever sua relação com a mãe e a avó e colocar-se nas situações, delimitando e diferenciando, mesmo que timidamente em um primeiro momento, o que é seu e o que é do outro.

## 5. Considerações Finais

---

Todo sujeito é apto para escolher formas e valores a fim de suprir suas necessidades. Porém, para tanto, é preciso que em sua totalidade, ele pense, sinta, e vivencie o meio em que está inserido e as relações que estabelece com o outro. Diante dos pressupostos teórico-práticos da Gestalt-Terapia e em conformidade com o caso apresentado, pode-se concluir que o trabalho realizado contribuiu para propiciar condições para que os sujeitos que participaram de tal processo reorganizassem e/ou atualizassem suas relações com o meio e com o outro.

## Referências Bibliográficas

---

CARDELLA, B. H. P. **A construção do psicoterapeuta** – uma abordagem gestáltica. São Paulo: Summus, 2002.

FARIA, N. J. **A tragédia da consciência**. Ética, Psicologia e Identidade Humana. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

FARIA, N. J. Gestalt-terapia, subjetividade e cultura – aproximações à luz da hermenêutica de Paul Ricoeur.

In: **gestalt-terapia e contemporaneidade** – contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica. Campinas: Livro Pleno, 2005. p. 57-81.

HOLANDA, A. F. Elementos de epistemologia da gestalt-terapia. In: **gestalt-terapia e contemporaneidade** – contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica. Campinas: Livro Pleno, 2005. p. 23-55.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-Terapia** – o processo grupal. São Paulo: Summus, 1994.